Funções editoriais, paratextos e circulação do conhecimento nos primeiros periódicos científicos: a história editorial do relato de Valentin Stansel sobre o cometa de 1668

Editorial Roles, Paratexts, and Knowledge Circulation in the Earliest Scientific Journals: the Editorial History of Valentin Stansel's Account of the 1668 Comet

Thomás A. S. Haddad

Universidade de São Paulo (USP), Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). São Paulo, SP, Brasil.
thaddad@usp.br
https://orcid.org/0000-0003-1446-9961

Resumo: Este artigo tem como ponto de partida uma reavaliação da trajetória do relato de Valentin Stansel sobre o cometa de 1668, produzido na Bahia e mencionado por Newton nos *Principia*. A narrativa consagrada, segundo a qual Stansel teria enviado um artigo ao editor do *Giornale de' Letterati* de Roma, por sua vez lido e traduzido por Huygens para as *Philosophical Transactions* de Londres, não tem respaldo documental. Valendo-se do pretexto de revisitar essa narrativa, este artigo empreende uma ampla análise dos paratextos nos três periódicos científicos fundadores do gênero, entre aproximadamente 1665 e 1674. O exame evidencia a necessidade de reconhecer o valor paratextual de manifestações que vão muito além de elementos formais consagrados, como títulos e prefácios, e ressalta como, no caso dos periódicos, teias complexas de paratextos se formam, uns apontando para outros. Indicamos como, sobre essa paratextualidade generalizada, emerge, funcionalmente, a figura do editor como regulador da credibilidade, da autoridade e de trocas na economia política do conhecimento científico da Época Moderna.

Palavras-chave: Paratextos na Época Moderna; Periódicos científicos; Valentin Stansel.

Abstract: This article takes as its starting point a reassessment of the trajectory of Valentin Stansel's account of the comet of 1668, produced in Bahia and famously mentioned by Newton in the *Principia*. The established narrative – according to which Stansel supposedly sent an article to the editor of the *Giornale de' Letterati* of Rome, which was then read and translated by Huygens for publication in the *Philosophical Transactions* of London – finds no documentary support. Taking the opportunity to revisit this narrative, the article undertakes a broad analysis of the paratexts found in the three early scientific journals that defined the genre, roughly between 1665 and 1674. The examination highlights the need to recognize the paratextual value of manifestations that go far beyond canonical formal elements such as titles and prefaces, and it emphasizes how, in the case of periodicals, complex entanglements of paratexts emerge, each referring to others. The article further indicates how, on the basis of this generalized paratextuality, the figure of the editor functionally emerges as a regulator of credibility, authority, and exchanges within the political economy of scientific knowledge in the early modern period.
Keywords: Early Modern Paratexts; Scientific journals; Valentin Stansel.

A motivação deste artigo nasce de uma inquietude que merece ser declarada, ou confessada, com algum detalhe. O ponto de partida é uma observação que aparece em *As Ciências no Brasil*, obra de 1955 organizada pelo sociólogo Fernando de Azevedo, figura fundamental da intelectualidade brasileira na primeira metade do século XX. Reunindo capítulos temáticos escritos por 14 cientistas — história da astronomia, física, química, botânica etc. — e uma alentada introdução do próprio organizador, que se deixa ler na tradição das "interpretações do Brasil", é um desses trabalhos que os historiadores (das ciências, no caso) adoram criticar, mas ao qual inevitavelmente retornamos.[1]

Os ensaios encomendados por Azevedo compartilham uma premissa: a do atraso e da marginalidade do país até praticamente aquela altura. A tarefa da geração de cientistas convidados pelo sociólogo para narrar o passado de suas especialidades era justamente superar aquela condição. Para organizador e autores nada poderia ser melhor, para dar ainda mais relevo a essa responsabilidade de proporções históricas, que identificar uma ou outra glória isolada do passado, em que o Brasil tivesse estado perto de dar uma "grande contribuição" à ciência moderna. E o fato é que, com erudição admirável, os capítulos conseguem escavar acontecimentos e personagens de grande interesse, para invariavelmente interpretá-los como demonstração de como quase "chegamos lá".

[1] Cf. Agenor Manoel da Silva Filho. "O 'homem certo na hora certa': Fernando de Azevedo e as histórias da historiografia das ciências no Brasil (1980-2022)". *Revista Brasileira de História da Ciência*, 18 (2025), pp. 1-23.

É assim que Abrahão de Morais, responsável pelo capítulo sobre a história da astronomia no Brasil, descreveu um certo jesuíta morávio que vivera em Salvador na segunda metade do século XVII:

> [...] tornou-se conhecido pelos numerosos trabalhos que publicou, alguns dos quais foram comentados nas *Acta eruditorum* de Leipzig e no *Journal de Savants* de Paris, bem como pela referência a uma de suas observações feita por Newton nos *Principia mathematica*.[2]

Esse jesuíta, de nome Valentin Stansel (ou Estancel), de fato é mencionado por Newton.[3] Na primeira edição dos *Principia*, publicada em 1687, consta que "[E]m 5 de março do ano de 1668, na sétima hora da tarde, o Rev. Pe. *Valentinus Estancius*, vivendo no Brasil, viu um cometa no horizonte [...]".[4] A passagem segue por mais meia dúzia de linhas, e daí Newton passa a mencionar o aspecto do mesmo cometa segundo uma observação realizada em Portugal. Nenhuma outra referência ao Brasil poderá ser encontrada no legendário "texto fundador" da ciência moderna, mas a mensagem de Morais parece clara: melhor isso do que nada. Inspirados por esses exemplos, alcemos, enfim, o Brasil à condição que merece.

É certo que foi em um volume de 1674 das *Philosophical Transactions* da Royal Society de Londres que Newton leu o — vamos chamá-lo assim, ao menos por ora — artigo de Stansel sobre o cometa que este avistara em março de 1668. Em um estudo muito diligente sobre os três cometas observados por Stansel na Bahia na década de 1660, Juan Casanovas e Philip Keenan ofereceram detalhes sobre a (suposta) história editorial desse artigo. De acordo com eles, "Stansel escreveu uma descrição do cometa [de 1668] e a enviou ao editor do *Il Giornale dei Letterati* em Roma, que publicou o relato na edição de 31 de setembro [sic] de 1673".[5] Seguem os autores:

---

[2] Abrahão de Moraes (com a colaboração de A. Szulc). "A Astronomia no Brasil". In: Fernando de Azevedo (ed.). *As Ciências no Brasil*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955, v. I, pp. 84-161, citação na p. 99.

[3] Carlos Ziller Camenietzki tem uma vastíssima obra dedicada a Stansel, à qual é impossível fazer jus aqui. Entre seus numerosos estudos, destacarei "Baroque science between the old and the new world. Father Kircher and his colleague Valentin Stansel (1621-1705)". In: Paula Findlen (ed.). *Athanasius Kircher: The Last Man Who Knew Everything*. Nova York: Routledge, 2004, pp. 311-328; "Da Bahia às estrelas: As viagens celestes de Valentim Stansel (1621-1705)". In: Luís Miguel Carolino e Carlos Ziller Camenietzki (eds.). *Jesuítas, ensino e ciência, séc. XVI-XVIII*. Lisboa: Caleidoscópio, 2005, pp. 227-240; "O cometa, o pregador e o cientista. Antonio Vieira e Valentin Stansel observam o céu da Bahia no século XVII". *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência,* 14 (1995), pp. 37-52.

[4] "Nam Anno 1668 Mart. 5. St. nov. hora septima Vesp. *R. P. Valentinus Estancius, Brasiliæ* agens, Cometam vidit Horizonti proximum ad occasum Solis brumalem [...]". Isaac Newton. *Philosophiæ naturalis principia mathematica*. Londres: Joseph Streater, 1687, p. 507.

[5] Juan Casanovas e Philip C. Keenan. "The Observations of Comets by Valentine Stansel, a Seventeenth Century Missionary in Brazil". *Archivum Historicum Societatis Iesu*, 62 (1993), pp. 319-333, aqui p. 327

> Esse número do *Giornale* foi visto por Christian Huyghens, que estava trabalhando em Paris [...] Como a cabeça deste cometa não tinha sido avistada por observadores ao norte de Bolonha, Huyghens ficou admirado pela vívida descrição de Stansel. Ele traduziu o artigo para o inglês e o enviou na forma de uma carta à Royal Society de Londres. Ele foi publicado nas *Philosophical Transactions* 9 (1674) 91, e atraiu a atenção de Newton.[6]

Em resumo, a história parece ser a seguinte: durante anos um homem, Valentin Stansel, observa sistematicamente cometas nos céus da Bahia; em uma dessas ocasiões, ele resolve escrever um artigo dando conta do que viu, e o envia ao editor de um importante periódico científico romano com vistas à publicação; o editor publica o artigo, que é lido em Paris pelo importante Huygens, o qual fica bem impressionado, e o traduz do italiano para o inglês, remetendo-o para a Royal Society; esta, reconhecendo o valor do material, publica-o em seu famoso periódico, no qual será lido pelo (ainda mais) importante Isaac Newton.

Meu incômodo com essa história toda, para além da obrigação patriótica que ela parece impor (o que não é responsabilidade de Casanovas e Keenan, obviamente, mas é parte importante do meu interesse), é que não há nenhuma evidência que sustente suas afirmações sobre: o envio de um relato para o editor do jornal romano; a leitura, a tradução e a recomendação feitas por Huygens; algum papel da Royal Society em fazer o texto sair nas *Philosophical Transactions*. Neste artigo, fazendo largo uso de material paratextual presente em fascículos desse jornal (de seu início, em março de 1665, até 1674, quando sai o "artigo" de Stansel), do *Giornale de´ Letterati* (também do primeiro, lançado em 1668, até o que traz o relato do cometa, de 1673), e do *Journal des Sçavans* (do número inaugural de janeiro de 1665 até 1667), pretendo oferecer uma história alternativa, com base em evidências; como resultado, apontarei um correspondente para Stansel muito mais plausível que o editor do *Giornale*, uma via direta de troca de notícias eruditas entre os editores localizados em Roma e Londres, e a ausência de qualquer papel para Huygens.[7]

No entanto, meus objetivos neste artigo vão, é claro, além da simples retificação dessa história em sua dimensão factual, ou, pior, da mera solução de um incômodo pessoal. Com efeito, pretendo fazer outras duas intervenções que julgo muito mais relevantes. A primeira põe em causa os próprios termos em que se contou aquela história: com base na análise paratextual, argumentarei

[6] *Idem*.

[7] Um esclarecimento é necessário neste ponto. A análise de Casanovas e Keenan a respeito do conteúdo das observações de Stansel e do tipo de debates sobre cometas que ocupavam os astrônomos da época é irrepreensível. Não lhes escapou, ao contrário de muitos outros estudiosos que falam da menção a Stansel nos *Principia*, a ironia de que Newton, na verdade, refere-se aos registros feitos em Salvador apenas para defender uma hipótese sobre a composição dos cometas completamente oposta à do jesuíta. A história editorial que propõem é, porém, francamente ficcional.

que está errado não apenas factualmente, mas como modo de emprego de categorias interpretativas, dizer que alguém — já não importa se Valentin Stansel — "publicou um artigo" em qualquer um dos três periódicos de que nos ocuparemos (e que são, a propósito, a totalidade do gênero no período que vai de 1665 a 1674). Este reexame dos quadros interpretativos será pretexto para uma reflexão mais geral sobre quatro pontos, sempre sustentada pela análise dos paratextos dos periódicos: as condições sociais em que surge a figura do "editor científico"; as funções que desempenhou na estruturação das comunidades de homens de ciências que vieram a depender cada vez mais de seus serviços; consequente ao ponto anterior, a emergência de uma "função-editor" reguladora do próprio discurso científico; e, por fim, as modalidades da circulação de conhecimentos (científicos) na Época Moderna.

A segunda intervenção que desejo fazer com este artigo tem natureza teórica e metodológica, pois começa no próprio exercício de mostrar como seguir paratextos permite arranjar, conectar e interpretar um tipo particular — e particularmente importante para a história do conhecimento na Época Moderna — de séries documentais de modo produtivo e possivelmente inesperado. "Seguir paratextos" tem, a princípio, um valor literal, já que os periódicos, por sua própria condição de publicação seriada, são pródigos em paratextos autorreferentes. Sem exagero, posso dizer que há uma chance não desprezível de que um "artigo" escolhido ao acaso no corpus contenha um paratexto que aponta para outro "artigo", que por sua vez aponta para um terceiro, que... Podem ser notas marginais, índices e sobretudo títulos que abundam em menções a outros, por serem réplicas, tréplicas, comentários ao que disse o Sr. Fulano no número tal — não há fim. Mas, e aqui vem algo ainda mais importante, esses paratextos podem ser muito menos, digamos, óbvios: eles podem estar enterrados no meio dos textos, sem nenhuma distinção tipográfica, mas dirigindo a atenção do leitor para outros textos do próprio periódico — ou outros textos fora dele. De fato, os editores daqueles primeiros jornais científicos estão o tempo inteiro manejando a atenção dos leitores, enquadrando suas possibilidades de leitura, determinando quais textos "conversam" com quais, revelando ou ocultando (de modo revelado ou oculto) partes dos textos, nomes de autores, correspondentes, colaboradores. Os editores são os reguladores, por meio de mecanismos paratextuais, de uma economia política baseada em valores epistêmicos e morais tais como credibilidade, autoridade, confiabilidade, prioridade etc.

Num nível ainda mais geral, defendo que a adequada compreensão do que desempenham em seu mundo — ou de como se fazem presentes nesse mundo, o que é a mesma coisa — os periódicos daqueles entornos de 1670 exige que abandonemos por completo a concepção comum de paratextos como "elementos textuais" formalmente identificáveis (título, prefácio, dedicatória, nota...) para entendê-los em sua plenitude como *manifestações* dotadas de *valor paratextual*.[8]

[8] Em seu livro absolutamente clássico e inevitável, Gérard Genette utiliza, sem maior teorização, as noções de "valor paratextual" e "manifestações". Cf. Gérard Genette. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009, pp. 14 (para ambas), 21-23 e 349 (para o

De fato, se forem tomados como textos (ou mais apropriadamente como "obras"), os periódicos também se põem em relação com outros textos, deles apartados, que têm grande valor para compreendermos que tipo de atividade social está encapsulada neles. Esses outros textos carregam o que podemos chamar de *paratextualidade* em face às obras: são textos que se referem a elas, participam (ou dão testemunho) de sua constituição como objetos no mundo e, crucialmente, de sua apreensão (por nós) como documentos históricos.[9] Sua paratextualidade está contida na capacidade que têm de situar os periódicos contextualmente. Ainda que não canônicos, merecem ser chamados de paratextos (ou, na tipologia clássica de Gérard Genette, *epitextos privados*). Concretamente, estou pensando em cartas, junto de alguns outros documentos de tipo privado, como as minutas de reuniões da Royal Society. Esse material participa, pelo seu *efeito* paratextual sobre a nossa leitura, da apreensão dos periódicos como objetos socialmente situados.[10]

Uma aproximação paratextual ao surgimento dos periódicos científicos

É geralmente admitido que, em 1665, começava a tomar corpo uma mudança significativa na forma como certo tipo de conhecimento era partilhado, legitimado e circulava na Europa (e além), com o surgimento dos primeiros periódicos considerados "científicos".[11] Os marcos tidos como fundadores dessa nova abordagem foram o *Journal des Sçavans* na França e as *Philosophical Transactions* na Inglaterra. O primeiro teve seu número inaugural publicado em 5 de janeiro daquele ano, pela casa do impressor-livreiro Jean Cusson, com privilégio do rei; o segundo veio à luz em 16 de março (ou 6, no calendário juliano então utilizado na Inglaterra, que é a data que aparece na folha de

valor). Para uma elaboração teórico-metodológica da ideia de valor paratextual, cf. Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás A. S. Haddad, Verônica Calsoni Lima e Luís Filipe Silvério Lima. "Paratextos e paratextualidade na Época Moderna: limiares, funções e transformações". *Anais do Museu Paulista,* 33 (2025), pp. 1-35.

[9] Sobre a paratextualidade, cf. Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás A. S. Haddad, Verônica Calsoni Lima e Luís Filipe Silvério Lima. "Paratextos e paratextualidade", *op. cit.*

[10] Para uma exploração detalhada dos epitextos privados, cf. Gérard Genette. *Paratextos editoriais*, *op. cit.* pp. 327-354. A distinção sutil entre *funções* e *efeitos* paratextuais é sugerida na p. 329.

[11] O uso do termo "científico*"* para esse momento deve ser cauteloso, não correspondendo a uma categoria reconhecida pelos atores. Julgo importante, porém, correr ocasionalmente esse risco, pois termos como "periódicos eruditos" ou "jornais literários", mesmo que de alguma maneira mais neutros, podem ocultar o fato de que a minha abordagem se articula a partir da história da ciência. A este respeito, também vale observar que utilizo o termo "conhecimento*"* (como em "circulação do conhecimento", "regulação do conhecimento" etc.) com a valência que possui nesse campo historiográfico: nas palavras de Philipp Sarasin, a partir de Michel Foucault, "conhecimento seria tudo que é de alguma maneira organizado e 'estabilizado' em um discurso e, assim, pode ser partilhado e produzir pretensões de verdade [*truth-claims*]". Ver Philipp Sarasin. "More Than Just Another Specialty: On the Prospects for the History of Knowledge". *Journal for the History of Knowledge*, 1 (2020), pp. 1-5, citação na p. 2.

rosto), com impressão por um "T. N.", jamais identificado, para os livreiros John Martyn e James Allestry, que detinham o monopólio da publicação e venda de qualquer impresso licenciado pela Royal Society de Londres.[12]

Tomando a forma de um livreto in-quarto (aproximadamente 16 x 24 cm) com 12 páginas (ocasionalmente ampliado para 16, em fascículos posteriores), aquele primeiro número do *Journal des Sçavans* apresentava-se como uma experiência editorial inédita. Ele vinha acompanhado de um importante paratexto, um caderno avulso de quatro páginas que trazia uma folha de rosto e um aviso inicial "do impressor ao leitor" expondo claramente o projeto do novo periódico. Tratava-se de "dar a conhecer o que acontece de novo na República das Letras", oferecendo a seus membros um instrumento capaz de reunir e difundir as novidades do mundo erudito, respondendo a uma expectativa já existente dos leitores.[13]

A primeira função que o jornal declarava assumir era a de publicar um catálogo exato dos principais livros impressos na Europa. Diferentemente das simples listas de livreiros ou repertórios bibliográficos até então disponíveis, esse catálogo não se limitaria a fornecer os títulos, mas explicaria o conteúdo e a utilidade das obras. O objetivo era tanto auxiliar os que compravam livros regularmente, ajudando-os a escolher melhor, quanto oferecer a quem não tinha recursos financeiros para adquiri-los um "conhecimento geral" das novidades.

O *Journal* comprometia-se também a memorializar as figuras eminentes do saber. Quando falecesse algum erudito reputado, seriam publicadas informações biográficas, um elogio de sua carreira e um catálogo de suas obras. Dessa maneira, o periódico lançava sua vocação de memória coletiva da República das Letras, transcendendo os limites da França e assumindo desde o início um alcance europeu. Outro eixo central seria a divulgação de experimentos e descobertas científicas e técnicas. O prefácio prometia relatar:

> [...] experiências de física e química [...]; as novas descobertas que se fazem nas artes e nas ciências, como as máquinas e as invenções úteis ou curiosas que puderem fornecer as matemáticas;

[12] A bibliografia sobre a origem dos periódicos é muito vasta para ser passada em revista aqui. Indicarei apenas duas obras incontornáveis: David Kronick. *A History of Scientific and Technical Periodicals: The Origins and Development of the Scientific and Technical Press*. Metuchen, Nova Jérsei: Scarecrow Press, 1962; Alan Gross, Joseph Harmon e Michael Reidy. *Communicating Science: The Scientific Article from the 17th Century to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

[13] "Le dessein de ce Journal estant de faire sçavoir ce qui se passe de nouveau dans la Republique des lettres [...]". "L'Imprimeur au Lecteur". *Journal des Sçavans*, (1665), caderno avulso, s. p. Estou ciente de quanto a categoria "República de Letras", obviamente muito viva para os atores históricos do período, é objeto de disputas entre historiadores. Seu valor heurístico me parece, de todo modo, inquestionável. Cf. Lorraine Daston. "The Ideal and Reality of the Republic of Letters in the Enlightenment". *Science in Context*, 4 (1991), pp. 367-386.

> as observações do céu, as dos meteoros, e o que a anatomia puder encontrar de novo nos animais.[14]

A intenção era tornar público tudo o que pudesse contribuir para o "progresso do conhecimento", num espírito de utilidade e comunicação. O aviso também anunciava que o *Journal* relataria as principais decisões de tribunais seculares e eclesiásticos, bem como as censuras teológicas da Sorbonne. Acompanhando tais decisões, o periódico pretendia informar sobre a vida acadêmica e judicial tanto do reino da França quanto de países estrangeiros, ampliando sua abrangência.

O prefácio ainda destacava que o jornal poderia servir como instrumento de circulação e colaboração erudita. Quem quer que estivesse empreendendo alguma "obra considerável" poderia "servir-se dele para publicar seu projeto e convidar a todos a lhes comunicar manuscritos e peças avulsas que possam contribuir para o aperfeiçoamento [da obra]". Ao mesmo tempo, abria-se a quem não "deseja o título de autor": estes, se "tiverem feito algumas observações que mereçam ser comunicadas ao público, poderão fazê-lo, enviando-me uma memória, que não deixarei de inserir no Jornal".[15]

Ostensivamente, essa voz em primeira pessoa ("enviando-me", "não deixarei de inserir") parece ser a do impressor Cusson, já que o aviso é dele ao leitor. No entanto, logo depois o prefácio oscila em direção a uma voz coletiva, ao dizer que "os que empreenderam este Jornal hesitaram por muito tempo se deveriam publicá-lo todos os anos, todos os meses ou todas as semanas". A decisão foi pela publicação semanal, como a frase seguinte, também apontando para uma responsabilidade coletiva, já anuncia: "Mas enfim julgaram que deveria aparecer a cada semana, porque as coisas envelheceriam demais se se diferisse falar delas por um ano ou um mês". Daí, em mais um deslocamento, o aviso recorre a um sujeito indeterminado; prevenindo o leitor para a diversidade de opiniões que poderia encontrar naquelas páginas, sublinhava que "se fizera profissão" (quem fizera?) de não sustentar ou criticar as opiniões expostas nas obras resenhadas, mas apenas registrar diferentes pontos de vista sem assumir responsabilidade sobre eles, em uma forma "tão livre de todo tipo de preconceito, como isenta de paixão e de parcialidade".[16]

---

[14] "[O]n fera sçavoir les experiences de Physique & de Chymie […]: les nouvelles descouvertes qui se font dans les Arts & dans les Sciences, comme les machines & les inventions utiles ou curieuses que peuvent fournir les Mathematiques: les observations du Ciel, celles des Meteores, et ce que l'Anatomie pourra trouver de nouveau dans les animaux". "L'Imprimeur au Lecteur". *Journal des Sçavans*, *op. cit.*

[15] "[I]l sera tres-advantageux à ceux qui entreprendront quelque ouvrage considerable, puis qu'ils pourront s'en servir pour publier leur dessein, & inviter tout le monde à leur communiquer les manuscripts, & les pieces fugitives qui pourront contribuer à la perfection des choses qu'ils auront entreprises. De plus, ceux qui n'aimeront pas la qualité d'Autheurs, & qui cependant auront fait quelques observations qui meriteront d'estre communiquées au public, le pourront faire, en m'en envoyant un mémoire, que je ne manqueray pas d'inserer dans le Journal". *Idem.*

[16] "Ceux qui ont entrepris ce Journal ont longtemps douté s'ils devoient le donner tous les ans, tous les mois, ou toutes les semaines. Mais enfin ils ont creu qu'il devoit paroistre chaque semaine: parce que les choses vieilliroient trop, si on differeroit d'en parler

Em outra guinada de agência, porém, o aviso desloca o foco para um tal "senhor de Hédouville", a quem "pediu-se" que ajustasse a linguagem e o estilo dos materiais com vistas a conferir-lhes maior uniformidade, para conveniência do leitor. Ora, longe de ser um mero colaborador cujos préstimos teriam sido solicitados pelo impressor, esse Hédouville já aparecera na folha de rosto em uma posição francamente autoral (em termos paratextuais): "LE JOURNAL DES SÇAVANS // Du Lundy V Janvier MDCLXV // Par le Sieur DE HEDOUVILLE". A mesma informação, "pelo senhor de Hédouville", é repetida no alto da primeira página de todos os fascículos. E mais: no segundo, publicado em 12 de janeiro, um anúncio diz que "aqueles que tiverem sugestões para o aperfeiçoamento deste Jornal podem enviá-las para o Sr. Roussel de Hédouville, morador da rua Montorgueil, no sinal do Cavalo Branco".[17]

Quem morava nesse endereço era Denis de Sallo, homem de letras, conselheiro no *parlement* de Paris, e protegido do poderoso ministro Jean-Baptiste Colbert.[18] Na década de 1650, De Sallo já estava conectado ao impressor Cusson, a quem havia feito um vultoso empréstimo, e o *Journal* parece ser um projeto comercial conjunto de ambos.[19] Num privilégio de impressão que só aparece no primeiro número de 1666, lê-se que o rei o tinha concedido a um genérico "N." em agosto de 1664, e que este fora cedido a Cusson em dezembro do mesmo ano.[20] Em 1666, tendo editado somente 13 fascículos, De Sallo já tinha deixado o *Journal* sob pressão de Colbert, por ter publicado uma recensão crítica que desagradara o núncio apostólico em Paris, e fora substituído pelo padre Jean Gallois, outro cliente do ministro e futuro secretário da Académie des Sciences.[21] É razoável conjecturar que Cusson e Gallois tenham decidido colocar o privilégio completo quando retomaram a edição e impressão do jornal para dirimir qualquer receio, pelos potenciais compradores, que De Sallo ainda estivesse envolvido no negócio, reafirmando a autoridade de Colbert. Isto é reforçado pelo fato de que o dito privilégio está impresso ao fim de um caderno avulso de oito páginas que precede o primeiro fascículo, propriamente dito, de 1666. Na folha de rosto (bem como no alto das primeiras páginas de cada número subsequente), o lugar do "autor" agora é

---

pendant l'espace d'un an d'un mois. [...] Personne ne doit trouver estrange de voir icy des opinions differentes des siennes, touchant les sciences, puis qu'on fait profession de rapporter les sentiments des autres sans les garantir, aussi bien que sans nul dessein de les attaquer. [...] Cette indifférence sans doute sera jugée necessaire, dans un Ouvrage qui ne doit pas estre moins libre de toute sorte de prejugez, qu'exempt de passion & de partialité". *Idem.*

[17] "Ceux qui auront quelques advis à donner pour la perfection de ce Journal, pourront s'addresser à M. Roussel de Hedouville, demeurant rue Montorgueil, à l'enseigne du Chevalblanc". *Journal des Sçavans*, (1665), p. 24.

[18] Harcourt Brown. "History and the Learned Journal". *Journal of the History of Ideas*, 28 (1972), pp. 365-378, aqui p. 368.

[19] Jean-Pierre Vittu. "La formation d'une institution scientifique: le Journal des Savants de 1665 à 1714. Premier article: d'une entreprise privée à une semi-institution". *Journal des Savants*, 2 (2002), pp. 179-203, aqui p. 194.

[20] "Extrait du Privilege du Roy". *Journal des Sçavans*, (1666), caderno avulso, sig. A ij.

[21] Jean-Pierre Vittu. "La formation", *op. cit.* p. 183.

ocupado por um "Par le Sr. G. P.". O pseudônimo é apenas um jogo literário comum, pois na terceira página do caderno já começa uma longa epístola dedicatória a Luís XIV assinada explicitamente por Gallois (e aquelas iniciais G. P. não podem ser senão "Gallois, prêtre").[22]

Retornando à gênese do *Journal*, não há dúvida de que ele surge como um projeto em que editor e impressor estão de mãos dadas. Nas palavras de Harcourt Brown, "o comentário introdutório [ao fascículo inaugural de 1665] pode ter sido escrito tanto por De Sallo quanto por Cusson; era, sem dúvida, satisfatório para ambos".[23] De fato, ao se anunciar como um repertório abrangente das novidades literárias e científicas da Europa, ao mesmo tempo que catálogo de livros, memorial, espaço de divulgação de descobertas e instrumento de comunicação erudita, prometia ser útil, atual, imparcial e agradável. Em suma, queria tornar-se o espelho fiel da República das Letras e a ferramenta indispensável para quem buscava acompanhar seu movimento, dando a De Sallo, o "Sr. de Hédouville", uma posição invejável de central de informações e atraindo clientes para o negócio de Cusson, com promessa de lucro financeiro para ambos.

Essa dupla dimensão, de centro de acúmulo e distribuição de informação erudita e empresário das letras, também é patente no caso de Henry Oldenburg, o editor e proprietário oficial das *Philosophical Transactions* da Royal Society de Londres, academia da qual era também o secretário. O aparecimento do periódico inglês deve ser compreendido, em parte, à luz da novidade representada pelo *Journal des Sçavans*, pois Oldenburg acompanhava de perto a empreitada francesa. De fato, numa carta a Robert Boyle datada de 4 de dezembro (24 de novembro no calendário juliano) de 1664, Oldenburg conta que um correspondente francês lhe fizera saber que "eles têm um projeto na França de publicar de tempos em tempos um jornal com tudo que se passa na Europa em matéria de conhecimento filosófico e político", e cita literalmente um plano que é, em essência, o aviso ao leitor que aparecerá no *Journal des Sçavans*. Oldenburg segue relatando a Boyle que fora convidado, por esse francês, a contribuir com esse novo jornal, enviando novidades editoriais e científicas da Inglaterra, pelo que seria "pago na mesma moeda", isto é, com notícias do continente.[24]

Bem antes de saber do *Journal des Sçavans*, Oldenburg havia imaginado um serviço de notícias manuscritas que combinaria política e filosofia natural,

---

[22] "Au Roy". *Journal des Sçavans*, (1666), caderno avulso, s. p.
[23] Harcourt Brown. "History and the Learned Journal", *op. cit.* p. 368.
[24] "He hath given me notice by his last, yt they have a dessein in France to publish from time to time a Journall of all what passeth in Europe in matter of knowledge both Philosophicall and Politicall [...] In order to ye execution of wch dessein I am sollicited to contribute what I can concerning England, and what is found there, as to excellent persons, things, books, being promised to be paid in the like coyne from France of what passeth there and in Italy etc. concerning those particulars". Oldenburg a Boyle, 24 de novembro de 1664. In: A. Rupert Hall e Marie Boas Hall (eds.). *The Correspondence of Henry Oldenburg. Volume II (1663-1665)*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1966, pp. 319-324, aqui pp. 319-320. Hall e Hall sugerem que esse correspondente poderia ser o astrônomo Adrien Auzout (p. 324, n. 4).

inspirado nas trocas epistolares que mantinha com Boyle e outros correspondentes.[25] Essa ideia fracassou por falta de assinantes, mas, quando surgiu a ocasião, o secretário da Royal Society transformou-a em projeto impresso, aproveitando sua rede de correspondência internacional e a legitimidade de sua posição institucional. Nesse sentido, as *Philosophical Transactions* nasceram, ao menos em parte, como uma solução criativa diante do súbito desafio francês: não uma simples tradução ou derivação do *Journal*, mas uma versão inglesa moldada ao contexto da Royal Society e ao mercado londrino.

A relação ambígua com a Sociedade era central. O periódico não se apresentava como órgão oficial, mas como empreendimento pessoal de Oldenburg, embora dependesse inteiramente de sua função de secretário e da circulação de manuscritos no seio da Royal Society. No primeiro fascículo (um quarto de 16 páginas, que seria seguido por outros números nesse formato, às vezes com 24 páginas, toda primeira segunda-feira do mês), há uma dedicatória ao conjunto de *fellows*, muito reveladora da estratégia de Oldenburg. Ao mesmo tempo que paga o tributo esperado de um cliente a seus patronos, ele deixa claro que o periódico é um empreendimento pessoal, não um órgão oficial:

> Nestas rudes coletâneas, que são apenas a colheita de meus divertimentos *privados* em horas entrecortadas, ficará aparente que muitas mentes e mãos estão em muitos lugares industriosamente empregadas, sob a vossa égide e pelo vosso exemplo.[26]

Ou seja, os fascículos não devem ser vistos como a expressão acabada da atividade da Sociedade, mas como fragmentos que testemunham a vitalidade de sua ação, mediada pelas escolhas de Oldenburg. O objetivo não é dar conta de tudo, mas oferecer amostras úteis e sugestivas — na opinião do editor, que, por trás da necessária modéstia retórica, se faz perceber como árbitro único do que merece ou não ser publicado.

No mesmo paratexto, ao justificar a utilidade do empreendimento, Oldenburg escreve que o periódico servirá para "espalhar estímulos, indagações, direções e modelos, que possam animar e atrair cooperação universal".[27] A dedicatória, portanto, mostra a ambição de transformar o periódico em instrumento de comunicação erudita universal; assim, mais do que relatar descobertas, trata-se de provocar respostas, convidar à colaboração e fomentar

---

[25] Noah Moxham. "Authors, Editors and Newsmongers: Form and Genre in the *Philosophical Transactions* under Henry Oldenburg". In: Joad Raymond e Noah Moxham (eds.). *News Networks in Early Modern Europe*. Leiden: Brill, 2016, pp. 465-492, aqui pp. 468-469.

[26] "In these Rude Collections, which are onely the Gleanings of my *private* diversions in broken hours, it may appear, that many Minds and Hands are in many places industriously employed, under Your Countenance, and by Your Example […]". Henry Oldenburg. "Epistle Dedicatory". *Philosophical Transactions*, 1 (1665), s. p.

[27] "To spread abroad Encouragements, Inquiries, Directions, and Patterns, that may animate, and draw on *Universal Assistances*". *Idem.*

a circulação de observações entre estudiosos de diferentes lugares. A formulação cumpre um duplo objetivo, pois, de um lado, afirma deferência institucional e distancia o editor de uma pretensão oficial, modelando-o como mero instrumento para a realização dos altos propósitos da Sociedade; de outro, coloca-o inquestionavelmente como mediador privilegiado daquilo que encontrará posteridade pela imprensa.

Com efeito, em outro paratexto, intitulado por Oldenburg "A Introdução", que segue imediatamente após a dedicatória, o editor formula de maneira mais programática o propósito do periódico. Considerando que o "melhoramento dos assuntos filosóficos" exige que "as coisas que foram descobertas ou postas em prática por outros" sejam comunicadas a todos os interessados, Oldenburg diz que:

> [...] pareceu apropriado empregar a imprensa como o modo mais adequado de gratificar aqueles cujo empenho nesses estudos e cujo deleite no progresso da aprendizagem e nas descobertas úteis lhes dão direito ao conhecimento do que este reino ou outras partes do mundo de tempos em tempos oferecem.[28]

Ao colocar a tipografia como instrumento de circulação e gratificação dos curiosos, Oldenburg inscreve as *Transactions* no mesmo horizonte que o *Journal des Sçavans*, mas com uma diferença importante: seu foco será no "melhoramento do conhecimento natural e aperfeiçoamento das artes filosóficas e das ciências".[29]

Em seus 12 anos como editor-proprietário, Oldenburg organizou as *Transactions* como um boletim de notícias científicas, oferecendo um espaço notavelmente menor às recensões de livros. Em suas cartas a correspondentes na Europa continental, ele pedia relatos de experiências, observações e novidades, que depois traduzia, adaptava ou recombinava em pequenas peças. Esse gesto editorial dava a impressão de um diálogo contínuo entre filósofos naturais, mesmo quando era Oldenburg quem articulava as falas. A rede epistolar internacional — que incluía figuras como Huygens e Adrien Auzout, na França, e Johannes Hevelius, na costa do Báltico — fornecia a matéria-prima, mas era o editor quem transformava rumores, notas avulsas e relatórios em um periódico coerente.[30]

---

[28] "Whereas there is nothing more necessary for promoting the improvement of Philosophical Matters, than the communicating to such, as apply their Studies and Endeavours that way, such things as are discovered or put in practise by others, it is therefore thought fit to employ the *Press*, as the most proper way to gratifie those, whose engagement in such Studies, and delight in the advancement of Learning and profitable Discoveries doth entitle them to the knowledge of what this Kingdom, or other parts of the World, do, from time to time, afford […]". Henry Oldenburg. "The Introduction". *Philosophical Transactions*, 1 (1665), pp. 1-2, aqui p. 1.
[29] "[...] improving Natural knowledge, and perfecting all *Philosophical Arts*, and *Sciences*". *Idem*, p. 2.
[30] Cf. Noah Moxham. "Authors, Editors and Newsmongers", *op. cit.*

Assim como De Sallo, Oldenburg concebia o periódico como espaço coletivo ao qual se podia aceder a seu convite. A introdução convida expressamente à colaboração: ao tornar públicas descobertas e experiências, abre-se caminho para que outros as confirmem, ampliem ou contestem — mas quem decide se alguém poderá se somar ao debate, e em que condições, é sempre ele próprio. O resultado foi uma publicação híbrida — pessoal e institucional, comercial e erudita, de circulação um tanto restrita, mas de pretensão internacional. Se o *Journal des Sçavans* inventava o jornal literário e erudito, as *Philosophical Transactions* inauguravam o boletim científico. Ambas partilhavam a ambição de servir à República das Letras; mas em Londres, sob a pena e a rede de Oldenburg, esse ideal assumia a forma de um fluxo contínuo de notícias experimentais, organizadas por um editor que se tornava, ele mesmo, figura central da comunicação científica do século XVII.

Em janeiro de 1668, saía da prensa romana de Nicolò Angelo Tinassi o primeiro fascículo do *Giornale de' Letterati*, um quarto mensal de 16 páginas. A iniciativa precisa ser compreendida no horizonte aberto pelo *Journal des Sçavans* e pelas *Philosophical Transactions.* O paratexto introdutório ao primeiro número do *Giornale* evidencia de forma transparente a existência de um gesto explícito de apropriação. Esse prefácio, não assinado e localizado na primeira página do próprio fascículo (não em um caderno avulso, como nos casos anteriores), já abre ecoando o motivo da República das Letras que também se encontrava na primeira frase do aviso ao leitor do *Journal* parisiense: "Quão útil seja à República das Letras a notícia dos bons livros se vê de modo muito evidente". Daí, numa divertida crítica ao tipo mais suntuoso de paratextos de livros, os redatores do prefácio emendam que "assim ninguém é enganado pelas grandes promessas dos frontispícios, às quais frequentemente os livros não correspondem".[31] A isto se segue imediatamente referência explícita ao *Journal* (e implícita às *Transactions*):

> [D]aí resulta que o Jornal dos doutos, ou eruditos, ou, se quisermos dizer, dos literatos, introduzido há poucos anos em Paris e imitado em outros lugares, foi recebido com muito aplauso, porque refere os títulos dos livros novos e deles faz um resumo [...] o que proporciona um deleite extraordinário. Esse deleite aumenta ainda mais com os experimentos, observações e curiosidades naturais que ali se incluem [...][32]

[31] "Quanto d'utile rechi alla Republica Letteraria la notitia de' buoni libri assai manifestamente appare, mentre che altri non resta ingannato dalle grandi promesse de' frontispicii, alle quali bene spesso i libri non corrispondono [...]". *Giornale de' Letterati*, I (janeiro de 1668), p. 1.

[32] "Quindi è, ch'il Giornale de i dotti, ò eruditi, ò vogliam dire de i letterati pochi anni sono introdotto in Parigi, ed imitato altrove è stato ricevuto con molto applauso, poiche riferisce i titoli de' Libri nuovi, e fá di quelli un ristretto, portando qualche cosa delle più singolari, che siano in essi, il che reca non ordinato diletto. S'accresce poi di gran lunga questo per gli esperimenti, osservationi, e curiosità naturali, che vi pone [...]". *Idem.*

O prefácio explica então que muitas pessoas, seja porque fossem "pouco versadas na língua francesa", ou por causa das dificuldades de importar o periódico a Roma, estavam desejosas de uma versão local —exatamente o que o *Giornale* prometia ser. Assumindo sem rodeios um caráter predominante de tradução, os redatores do prefácio se dispõem a pagar sua dívida de "[...] gratidão para com o Autor do Jornal Francês [...] no mesmo gênero, dando correspondência proporcional, isto é, uma relação das experiências naturais e curiosidades que forem sendo observadas na Itália, e dos livros que nela se publicarem".[33] De um lado, a passagem se deixa ler claramente como um convite ao *autor* do jornal francês (não nos escape esta formulação), à altura Gallois, para que se sirva liberalmente de quanto houver de original no *Giornale*, que se servirá do seu. De outro, porém, também marca uma posição junto aos "doutos, eruditos, ou literatos" italianos: o caminho para serem vistos no resto da Europa passa por alimentar a redação romana com relatos de suas experiências, livros e observações.

Jean-Michel Gardair, em estudo clássico sobre o *Giornale de' Letterati*, sublinha como essa dupla orientação — dependência do modelo estrangeiro e afirmação de uma contribuição italiana — estruturou os primeiros anos da publicação. A tarefa era delicada: de um lado, garantir aos leitores italianos acesso às novidades relatadas no *Journal des Sçavans*; de outro, valorizar as produções locais, sobretudo em filosofia natural, astronomia e medicina. Essa tensão acompanharia toda a trajetória do periódico, inclusive a partir de 1675, quando passa a ser publicado em duas versões concorrentes entre si, a cargo de diferentes editores e impressores.[34]

Antonella Romano, por sua vez, enfatiza o contexto especificamente romano da empreitada. O *Giornale* nasceu no pontificado de Clemente IX, cuja relativa abertura cultural favoreceu a autorização oficial de uma iniciativa inédita na cidade. Não se tratava apenas de um exercício de tradução ou vulgarização, pois, ao criar um órgão impresso dedicado à circulação rápida de notícias científicas e literárias, Roma se alinhava ao novíssimo paradigma da comunicação erudita. O objetivo político era claro: demonstrar que a capital do mundo católico podia também competir com Paris e Londres no terreno da cultura científica.[35]

---

[33] "[...] di modo che la lettura del sudetto Giornale hà mosso molti poco pratici della lingua Francese à desiderarne la traduttione, e altri i quali benche intendano quell'Idioma non possono haver comodità di farlo venire, ò d'haverlo per leggere à lor'agio. E noi per servire alla curiosità di questi ci siamo volentieri indotti ad abbracciar questa fatica, e vogliamo che non sia senza un atto di gratitudine verso l'Autore del Giornal Francese, al qual vogliamo nell'istesso genere dare proportionata corrispondenza, cioè à dire una relatione dell'esperienze naturali, e curiosità, che s'anderanno osservando in Italia, e de' libri, ch'in essa si stamperanno". *Idem.*

[34] Jean-Michel Gardair. *Le «Giornale de' Letterati» de Rome (1668-1681)*. Florença: Leo S. Olschki, 1984, pp. 161-238.

[35] Antonella Romano. "À l'ombre de Galilée? Activité scientifique et pratique académique à Rome au xviie siècle". In: Jean Boutier, Brigitte Marin e Antonella Romano (eds.). *Naples, Rome, Florence Une histoire comparée des milieux intellectuels italiens (XVII-*

Nesse cenário, destaca-se a figura de Francesco Nazari, professor de filosofia natural na universidade romana já conhecida na época como Sapienza e ligado à Tipografia Poliglota da Propaganda Fide. Nazari reteve a direção efetiva do *Giornale* entre 1668 e 1675. Foi ele quem deu continuidade às promessas do prefácio inaugural, selecionando o material que seria traduzido do francês e o que publicaria de inédito (livros a resenhar e escritos que obtinha na forma de cartas ou relatos), coordenando colaboradores e moldando o tom da revista. Sua atuação reflete tanto a proteção de patronos poderosos, como o cardeal Gregorio Barbarigo, quanto suas redes de amizade intelectual, notadamente com Adrien Auzout, que já encontramos antes como correspondente de Oldenburg. Nazari imprimiu ao periódico uma orientação filosófica aberta às inovações da "nova ciência", como se verá mais claramente após a cisão de 1675, quando seu *Giornale* se distinguiu pelo espaço concedido a autores heterodoxos como Francesco Redi ou Pietro Mengoli. O contraste com outro membro do grupo fundador do *Giornale*, Giustiniano Ciampini, é instrutivo. A partir de 1675, Ciampini preferiu acentuar, na sua versão do periódico, a dimensão observacional e astronômica, evitando embates metafísicos ou comprometedores. A bifurcação traduz escolhas epistemológicas distintas: Nazari representava uma disposição de dialogar com sistemas filosóficos novos; Ciampini, a prudência de acomodar-se na ortodoxia aristotélica vigente.[36]

A gênese do *Giornale de' Letterati*, portanto, não pode ser compreendida apenas como recepção passiva dos modelos francês e inglês. O prefácio do primeiro número mostra a consciência da novidade e da dívida, e admite explicitamente que a publicação de traduções será a base do projeto; mas sugere também uma ambição de fazer de Roma um palco ativo da República das Letras, complicando ideias de centro e periferia, imitação e invenção, que tanto marcam as narrativas sobre a circulação do conhecimento natural no século XVII.

As funções editoriais à luz de uma paratextualidade generalizada

Logo no início deste trabalho, o termo "paratexto" apareceu sem cerimônia, e está sendo empregado até aqui de modo que talvez possa incomodar o leitor justamente desejoso de maior firmeza teórica. Em parte, é claro que isso se deve ao fato de este artigo estar inserido em um dossiê que gira em torno justamente dos paratextos na Época Moderna, aberto por uma introdução editorial que — bem à moda paratextual — deverá enquadrar a questão. Mas também é mais que isso: desde sua introdução por Genette já passados 40 anos, a ideia de paratexto se tornou uma espécie de patrimônio comum das humanidades, a ponto de ser quase entediante para o leitor ter de ser lembrado, mais uma vez, que o termo se refere a folhas de rosto, títulos,

XVIIIe siècles). Roma: Publications de l'École française de Rome, 2013, pp. 209-242, *passim.*

[36] Jean-Michel Gardair. *Le Giornale*, *op. cit.*; Antonella Romano. "À l'ombre", *op. cit.*

prefácios, notas, referências, índices etc. — todo um universo de manifestações que encontramos nos primeiros periódicos eruditos do século XVII, como, de resto, em qualquer outro artefato impresso. No entanto, e aqui aparecem especificidades importantes, alguns desses paratextos por assim dizer tradicionais adquirem características marcadamente específicas nesse tipo de publicação. Para começar, eles não são, do ponto de vista de sua distribuição espacial, somente "preliminares", como pode ter parecido até aqui, tendo nossa atenção se voltado a avisos, prefácios, introduções e licenças. Como já brevemente mencionado no início, estão espalhados por toda a extensão do material. Em nenhum lugar isso é mais óbvio do que nos títulos escolhidos pelos editores para os textos que publicam, que estão no início de cada "artigo", não dos fascículos, evidentemente.[37]

Pelo menos até meados da década de 1670, os títulos quase invariavelmente servem para recordar aos leitores que quem está falando com eles é o editor, e não o autor daquele escrito específico. Assim, eles adquirem, nos casos mais significativos (pela expressão, não pela raridade), formas tais quais "extrato de uma carta do Sr. Fulano", "informação enviada pelo Sr. Beltrano", e variantes. Assim se vê, por exemplo, o *Journal de Sçavans* publicando, no número de 7 de fevereiro de 1667, um extrato de uma carta enviada pelo jesuíta Ignace-Gaston Pardies a um conselheiro do *parlement* com observações sobre arco-íris e venenos, carta à qual Gallois nem precisa lembrar ao leitor que só ele teve acesso, ou o *Giornale de' Letterati* estampando no primeiro fascículo o relato da observação de estrela nova avistada naquele mesmo janeiro de 1668 por "aviso recebido do Sr. Cassini", sugerindo como Nazari (ou alguém de seu círculo) era especial a ponto de ser alertado sobre um fenômeno celeste pelo "Primeiro Astrônomo de Bolonha", como Cassini é identificado no título.[38]

De maneira mais ostensiva, os títulos podem até *omitir* a autoria, por meio de fórmulas do tipo "informação enviada por um cavalheiro", o qual permanece anônimo ou só é identificado por iniciais. Evidentemente, existem convenções de modéstia e decoro que devem ser obedecidas pelos editores, mas há também espaço para a decisão pura e simples de nomear ou não a origem do relato.[39] No caso específico das *Philosophical Transactions*, que se apoiava muito menos que suas contrapartes parisiense e romana na publicação de resenhas, Oldenburg precisa ir mais longe, provocando o público com indagações sobre

[37] As recensões sempre recebem como título simplesmente o nome da obra sendo resenhada, autor, cidade e impressor, e não vão nos interessar aqui.
[38] "Extrait d'une lettre ecrite par le P. Pardies de la Comp. de Jesus, à M. Payen Advocat au Parlement; touchant quelques Iris extraordinaires, & la prodigieuse force d'un venin qui tuë par sa seule exhalaison". *Journal des Sçavans*, (1667), p. 45; "Osservationi fatte in Roma della Stella rinascente nel Collo della Balena [...] per aviso ricevvuto dal Signor Cassini Primario Astronomo di Bologna". *Giornale de' Letterati*, I (janeiro de 1668), p. 7.
[39] Moxham nota como, no caso inglês, relatos (geralmente anônimos) de "cavalheiros de província" servem apenas para acumular evidência em favor da "veracidade geral" de algum observador de maior qualidade (sempre nomeado). Noah Moxham. "Authors, Editors and Newsmongers", *op. cit.* p. 482, n. 37.

"coisas curiosas" e publicando as (anônimas) respostas que recebe, numa operação que só faz consolidar seu papel central de autor — enquanto redator, literalmente, mas também enquanto o verdadeiro "fazedor" — do jornal.[40] Assim, por exemplo, em 1666 encontramos um título como "Indagações sobre as minas" para um "artigo" que é basicamente um conjunto de perguntas do próprio Oldenburg sobre a extração de minérios. Em números subsequentes, por dois anos, encontraremos títulos como "Respostas a algumas das indagações sobre as minas previamente publicadas" e "Respostas adicionais às indagações sobre as minas". Isto mostra o sucesso de Oldenburg não apenas em "estimular o debate", mas efetivamente em manobrar seus leitores a fornecerem-lhe, gratuitamente, material essencial para sustentar o *seu* projeto editorial.[41]

Há também uma profusão de paratextos editoriais *dentro dos próprios textos* publicados nos periódicos.[42] O mais frequente é que eles sejam referências a números anteriores, que aparecem efetivamente no meio dos textos (não em notas marginais, estas empregadas só por Oldenburg, e com bastante parcimônia). A operação tem como resultado prender o leitor a um corpo textual que cresce — ou que os editores têm a esperança de que cresça — indefinidamente. Um exemplo especialmente relevante, ao qual retornaremos, se encontra no *Giornale* de abril de 1670. A peça tem por título "Observação do fenômeno celeste [...] feita em Goa pelo Padre Giuseppe Candone da Companhia de Jesus". A expectativa criada pelo paratexto seria que Nazari fosse apenas transcrever um relato recebido por ele mesmo de um missionário em Goa. O primeiro parágrafo, porém, já mostra que não é assim, pois afirma que a informação foi mediada por um terceiro: "esta observação vem comunicada pelo Padre Gottignies, matemático do colégio romano, que a recebeu do próprio Padre Candone em carta de Goa de 12 de maio de 1668".[43] O resto do parágrafo parece de fato transcrever um relato padrão de observação astronômica, provavelmente decalcado do "original" enviado de Goa ao jesuíta belga Gilles-François de Gottignies, colaborador frequente (e frequentemente nomeado) de Nazari e autor de livros publicados pelo impressor Tinassi. Subitamente, porém, o segundo parágrafo já muda o tom, informando que "ainda que no número III do *Giornale* de 1668 encontrem-se registradas observações feitas em Roma [...]"

---

[40] Já vimos como o *Giornale* se refere literalmente ao "autor" do *Journal* francês. Oldenburg repetidamente se apresenta como "autor destes tratados", não só como "Publisher". Para um exemplo, ver a nota 48, *infra*.

[41] "Articles of Inquiries Touching Mines". *Philosophical Transactions*, 1 (1666), p. 330; "Answers to Some of the Inquires Formerly Publish'd Concerning Mines". *Philosophical Transactions*, 2 (1667), pp. 525-527; "Additional Answers to the Queries of Mines". *Philosophical Transactions*, 3 (1668), pp. 767-771.

[42] Cf. a seção "A paratextualidade invade o texto" em Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás A. S. Haddad, Verônica Calsoni Lima e Luís Filipe Silvério Lima. "Paratextos e paratextualidade", *op. cit.* pp. 18-19.

[43] "Quest'osservatione ci vien comunicata dal P. Francesco Gottignies Matematico del Collegio Romano, che l'ha ricevuta dall'istesso Padre Candone, con lettere di Goa de' 12. Maggio 1668". "Osservatione del fenomeno celeste che si vide nel mese di Marzo dell'anno 1668. fatta in Goa dal P. Gioseppe Candone della Compagnia di Giesù". *Giornale de' Letterati*, IV (abril de 1670), pp. 51-52, citação na p. 51.

(e lá vai o leitor em busca desse fascículo), as do próprio Gottignies não tinham sido publicadas, então seguiriam ali, até para poderem ser "melhor confrontadas com as sobreditas, de Goa".[44] No número III há de fato duas peças astronômicas, uma intitulada "Observações celestes em torno a Vênus e outras aparências", e outra "Extrato de uma carta do Sr. Cassini [...] em torno de um movimento de Vênus [...]".[45] A qual das duas o paratexto de 1670 está se referindo? Cabe ao leitor descobrir, cada vez mais enredado que está...

Esse enredamento é no próprio *Giornale*, mas também nos outros dois periódicos, porque nesse mesmo exemplo vemos outra forma comum de paratextualidade. No próprio número III de 1668, ao qual fomos empurrados pelo de abril de 1670, encontraremos, exatamente depois dos dois "artigos" astronômicos, títulos que fazem referência aos outros periódicos: "Extrato dois últimos dois Jornais da França", "Extrato do Jornal da Inglaterra".[46] Nas *Transactions* sucede exatamente o mesmo; por exemplo, tão cedo quanto 14 de junho de 1666 (4 de junho no calendário juliano), Oldenburg já publica "Algumas considerações sobre uma carta no *Journal des Sçavans* de 24 de maio", que tinha acabado de sair. O título remete o leitor para fora, mas a primeira frase já o traz de volta: "No número 9 destas *Transactions* foram publicados esquemas e descrições [...]". Vertiginosamente, porém, o mesmo parágrafo volta para a França: "O autor do *Journal des Sçavans* francês houve por bem inserir [esse material] em seu *Journal* de 3 de maio, mas no de 24 de maio insinua que os ditos esquemas e descrições não são muito claros e inteligíveis". Com ironia paratextual, Oldenburg comenta, parenteticamente, "ele quer dizer que não foram bem entendidos por leitores franceses", antes de retornar uma vez mais a Londres, apresentando em seu próprio nome, como "autor destes tratados", os esclarecimentos que julgava necessários.[47] E no periódico parisiense

---

[44] "Ancorche nel III. Giornale del 1668. si trovino registrate l'osservationi fatte in Roma ne' giorni che lo permiser le nuvole, non si vuol tuttavia tralasciar di quì accennar quelle che vi fece il P. Gottignies, affinche si veda meglio il confronto com le suddette in Goa". *Idem*.

[45] "Osservationi celesti intorno a Venere, & altre Apparenze". *Giornale de' Letterati*, III (março de 1668), pp. 36-37; "Extratto d'una lettera del Sig. Cassini Professore d'Astronomia nell'Univer. di Bologna al Sig. Petit Intendente di Fortificatione intorno à um moto di Venere da lui scoperto de' 24. Giugno 1667". *Giornale de' Letterati*, III (março de 1668), pp. 40-42.

[46] "Estratto degli ultimi due Giornali di Francia 1667." *Giornale de' Letterati*, III (março de 1668), p. 37; "Estratto del Giornale d'Inghilterra, intorno à certe osservationi fatte da persona intendente nel Viaggio dell'Isole Caraibes". *Giornale de' Letterati*, III (março de 1668), p. 43.

[47] "In *Num*. 9. of these *Transactions* were publish'd the *Schemes* and *Descriptions* of certain Waies of *Sounding the Depth of the Sea without a Line*; and of *Fetching up Water from the bottom of it*; together with some Experiments already made with the former of these two Contrivances. The Author of the French *Journal des Scavans* found good, to insert them both in his *Journal* of *May* 3. but in another of *May* 24. intimates, that the said *Schemes* and their *Descriptions* are not very clear and intelligible (he means, that they were not well understood by *French* Readers;) [...] Upon this occasion, the Author of these *Tracts* thinks fit, here to represent". Henry Oldenburg. "Some Considerations Touching a Letter in the *Journal des Scavans* of May 24. 1666". *Philosophical Transactions*, 1 (1666), pp. 228-230, citação na p. 228.

encontramos, não só nesses números de maio de 1666, mas em quase todos da primeira década, "Extratos do Jornal da Inglaterra", num jogo interminável de remissões paratextuais.

O resultado de tudo isso é que esses primeiros periódicos científicos, ainda que sejam eles próprios objetos textuais em sentido óbvio, estão sempre *se referindo a outros textos* que eludem o leitor: livros que ele não necessariamente tem em mãos, mas, sobretudo, "escritos" – tais como cartas, informações, relatos, e mesmo os periódicos estrangeiros — que é muito provável que jamais possa ler no "original". Com algum exagero, mas capturando um núcleo importante de verdade, poderíamos talvez dizer que, para além dos paratextos formais que *contêm*, os periódicos *são* paratextos em si mesmos — paratextos daquele conjunto elusivo de escritos/textos que anunciam, comentam, mostram, ocultam, resumem, interpretam, promovem, desprezam, copiam, traduzem e até mesmo, de certa forma, *inventam*, que é o coração da concepção genettiana de paratexto como aquilo que possibilita a própria *existência do texto*.[48]

Tomados em conjunto, os três periódicos representam em parte uma continuidade de formas de comunicação já existentes, mas o que salta aos olhos são as rupturas. Nas primeiras décadas do século XVII já se entrevê a ascensão de uma prática de divulgação, descobertas e relatos de experimentos ou observações em redes semipúblicas de trocas epistolares e em reuniões de academias. Isto respondia ao fato de que a publicação na forma de livro, ainda que simbolicamente sem rivais, era custosa e inconveniente. Não só: a crer nos argumentos de Adrian Johns, o livro era motivo permanente de ansiedade entre os homens de ciência, que identificavam nele, por conta da rapidez de circulação e facilidade de contrafação, um potencial explosivo para levar à perda de controle intelectual, moral e econômico sobre suas ideias.[49] Ora, se é óbvio que os periódicos não nascem senão daquela infraestrutura já existente de redes epistolares e academias, também introduzem uma mudança enorme, visto que a amarram à imprensa (com todos os seus riscos) e, acima de tudo, à figura do editor em todas as suas *funções*: mediador, controlador de acesso, juiz de controvérsias eruditas, empresário, curador e, talvez a mais profundamente relevante para a história da ciência e do conhecimento, árbitro do que importa conhecer e do que é descartável, do que está legitimamente estabelecido como verdadeiro ou onde restam dúvidas.

Na trilha do cometa: seguir os paratextos

Vamos agora retornar àquela que indiquei, no início deste trabalho, ser a minha motivação mais íntima para empreendê-lo: reavaliar a história de como as observações de um cometa feitas por Valentin Stansel na Bahia em 1668 foram parar nas *Philosophical Transactions* e acabaram sendo lidas por Newton.

[48] Gérard Genette. *Paratextos editoriais*, *op. cit.* pp. 9-11.
[49] Adrian Johns. *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998, *passim*.

Primeiro, devo dizer que inexiste qualquer indicação de que, como parecem implicar Casanovas e Keenan, o jesuíta tivesse alguma intenção de "publicar" no periódico romano. Essa é uma imagem anacrônica, baseada na experiência do acadêmico moderno que envia um artigo para uma revista com a intenção de publicá-lo ali. Por tudo que vimos, é forçoso entender que Stansel, como qualquer outro escritor da Época Moderna (ou pelo menos das décadas de 1660 e 1670, às quais restrinjo minhas considerações), *teve seu escrito publicado*, qualquer que tivesse sido a sua intenção quando o enviou para alguém. Em outras palavras, quem publica é o editor.

Foi isso que fez Nazari no número de 31 de setembro (a data foi evidentemente impressa incorretamente) de 1673 do *Giornale*. Ali, na página 134, encontraremos uma peça que leva por título "Observação do fenômeno celeste que se viu no mês de março de 1668, feita no Brasil pelo Padre Valentin Stansel, da Companhia de Jesus". O primeiro parágrafo já contém aquele tipo de paratexto interno que discutimos na seção anterior; em vez de ser uma transcrição de algum tipo de "original", ele já começa dizendo que:

> Certamente não houve fenômeno do qual, como deste, se tiveram observações de países tão distantes, e das quatro partes do mundo. Aquelas de lugares da Europa e da Ásia podem ser vistas nos *Giornali* número 3, de 1668, página 37, e 4, 1670, página 51. E agora me chegam estas da América, feitas na cidade de S. Salvador [...] E do mesmo modo o Padre Pedro Zuzarte, jesuíta reitor [do colégio] de Macau, e versado nas coisas astronômicas, disse tê-lo visto ao largo do Cabo da Boa Esperança [...][50]

É compreensível que a passagem seja lida como indicando que Nazari (a voz em primeira pessoa) recebera o relato de Stansel, bem como o de Zuzarte. A impressão pode ser reforçada pelo resto do texto, que é um relato padrão desse tipo de observação, mas naquela forma de discurso indireto que também já mencionamos, pelo qual o editor se apresenta como mediador: "no dia 5 de março [...] começou o Pe. Stansel", "afirma [Stansel] não poder estabelecer [...]", "nota [Stansel] que um mês antes, sendo informado que se avistara um cometa [...] começou a duvidar [...]". E o último parágrafo reforça ainda mais a impressão de que se trata do editor resumindo e comentando uma carta que recebeu:

[50] "Non v'è stato certamente Fenomeno, di cui, come di questo, s'habbiano havute osservationi da paesi così lontani, e di tutte le quattro parti del Mondo. Quelle de' luoghi d'Europa, e d'Asia, si posson veder ne' Giornali, III del 1668 pag. 37, e IV 1670 pag. 51. E hora mi capitano queste d'America, fatte nella Città di S. Salvador [...]. E nell'istesso modo, il P. Pietro Susarte, Gesuita Rettore del Macao, e versato nelle cose astronomiche, disse d'haverlo veduto lungo la costa del Capo di-buona-speranza [...]". "Osservatione del fenomeno celeste, che si vide nel Mese di Marzo 1668, fatta nel Brasile dal P. Valentino Estancel della Compagnia di Giesù". *Giornale de' Letterati*, IX (setembro de 1673), pp. 134-136.

> De resto, poderá qualquer um confrontar estas com as outras observações referidas nos supracitados *Giornali*, e ver suas diferenças. Aqui se notará somente que, em S. Salvador, apareceu menos longo que em Roma ou Goa [...].[51]

O problema é que não há absolutamente nenhuma evidência de que Stansel mantivesse correspondência com Nazari, ou mesmo que soubesse da existência do *Giornale*. Da mesma forma que, no relato da observação feita por Candone em Goa (publicada no número 4 de 1670, como bem lembrado no parágrafo inicial do relato de Stansel), é absolutamente possível que o correspondente não fosse o próprio Nazari. Naquele caso fora Gottignies, o matemático do colégio romano e seu associado, explicitamente mencionado como destinatário, que pode tanto ter passado a carta de Candone para Nazari quanto escrito ele próprio o relato publicado, apenas falando de si mesmo em terceira pessoa. A ideia de que os editores necessariamente são os destinatários dos escritos que publicam é resultado do próprio sucesso com que estabelecem sua centralidade funcional.

Se uma conexão entre Stansel e Nazari é implausível e não demonstrada, nem mesmo circunstancialmente, uma ligação do primeiro com Gottignies, mesmo que mediada, é muito mais razoável. Stansel também fora professor do colégio romano antes de partir para Portugal e de lá para o Brasil. Os dois dificilmente terão se conhecido pessoalmente, pois, em 1662, quando Gottignies chegou a Roma, Stansel já havia partido. Ainda assim, em um livro publicado em 1685, Stansel cita observações astronômicas realizadas pelo belga, o que demonstra, no mínimo, que ele recebia em Salvador notícias de seu trabalho.[52] Em meados da década de 1660, Gottignies estava interessado em produzir mapas com as trajetórias dos cometas recentemente observados. Athanasius Kircher, seu colega em Roma, que manteve correspondência com Stansel até meados da década seguinte, utilizou os mapas de Gottignies em suas próprias publicações e sabia da importância de observações realizadas em lugares distantes entre si para sua preparação.[53] Nenhuma das cartas hoje restantes de Stansel a Kircher contém os dados sobre o cometa de 1668 publicados no *Giornale*, mas é perfeitamente razoável que ele, ou o próprio Gottignies, os tenham recebido. Além disso, Gottignies fabricava telescópios, e o relato publicado no *Giornale* menciona explicitamente que Stansel utilizou um para suas observações. Mais uma vez, seria absolutamente plausível que o instrumento lhe

---

[51] "Alli 5. di Marzo [...] cominciò il P. Estancel à vederlo [...]". *Idem*, p. 134; "Afferma di non potere stabilire cosa alcuna di certo [...]". In: *Idem*, p. 135; "Nota, che un mese prima, essendosi detto che si era veduta una cometa [...] cominciò à dubitare [...]". In: *Idem*, p. 136; "Del resto potrà ciascuno confrontar queste con l'altre osservationi riferite ne' sopraccennati Giornali, e vederne le differenze. Qui si noterà solamente, che in S. Salvador comparve men lunga, che à Roma e à Goa [...]". *Idem*, p. 136.

[52] Valentin Stansel. *Uranophilus Caelestis Peregrinus*. Ghent: herdeiros de Maximiliano Graet, 1685, p. 133.

[53] Athanasius Kircher. *Iter cometae anni 1664 a 14 Decembris usque ad 30 Romae observatum.* [*S. l.*: *s. n.*], [1665?].

tivesse sido remetido por colegas jesuítas de Roma pelos canais da própria Companhia, talvez por Gottignies mesmo.

E que dizer da afirmação de que Huygens foi quem leu, traduziu do italiano para o inglês e comunicou o relato de Stansel para a Royal Society? Absolutamente nada na correspondência de Oldenburg, de Huygens ou nas detalhadas minutas de todas as reuniões da Royal Society na década de 1660 (publicadas por Thomas Birch no século XVIII) sustenta essa tese. Nas reuniões semanais, de fato eram lidos e discutidos escritos de membros e de correspondentes estrangeiros, que às vezes Oldenburg publicava, exercendo a discricionaridade que possuía como dono do jornal; muito ocasionalmente era "por ordem" da Royal Society. Huygens enviava material próprio para Gallois e para Oldenburg com frequência, e ambos não desprezavam a oportunidade de publicar escritos de um homem de ciência que já tinha adquirido fama. Huygens também servia como intermediário entre os dois empreendimentos, chamando a atenção de cada editor para material publicado pelo outro que podia ser aproveitado. Em toda a sua correspondência, não há, porém, menção a Nazari ou ao *Giornale*. O que dele apareceu no jornal romano foi diretamente traduzido do parisiense, o qual Nazari cada vez menos creditava como sua fonte. Em fevereiro de 1673 (mesmo ano em que aparece o relato de Stansel), por exemplo, o *Giornale* estampa um "Extrato de uma carta do Sr. Huygens [...] ao autor do *Giornale*", agora sem completar que era o jornal francês.[54]

Talvez isso tenha dado a Casanovas e Keenan a impressão de que Huygens tinha alguma conexão com o *Giornale*? É impossível saber. Mas o fato é que, na página das *Philosophical Transactions* de julho de 1674 imediatamente anterior à que traz a tradução para o inglês do relato de Stansel, há um "Extrato de carta do Sr. Huygens ao Editor [...]". Como era a regra geral para os títulos no periódico de Oldenburg, está em itálico. A carta tem apenas um parágrafo, ao qual se segue outro, que não está em itálico, mas na verdade é o título do item seguinte: "Extrato de outra carta, escrita pelo Sr. Cassini ao Editor [...]".[55] Esse título deve ter sido impresso em tipo reto porque a carta de Cassini, em latim, está ela própria toda em itálico. Quem olha a página rapidamente pode pensar que é tudo parte da carta de Huygens — e, talvez, ainda imaginar que o item seguinte, de Stansel, teria alguma participação dele. Quem sabe essa confusão paratextual tenha enganado Casanovas e Keenan.

Para o relato de Stansel, Oldenburg escolheu o título "Observações sobre o cometa que foi visto no Brasil em março de 1668 pelo Pe. Valentin Stansel, um jesuíta, e por ele enviadas a Roma; onde foram publicadas no número 9 do

[54] "Estratto d'una lettera di M. Hugens dell'Academia Reale delle scienze all'Autore del Giornale, intorno à Fenomeni dell'acqua purgata d'aria". *Giornale de' Letterati*, II (fevereiro de 1673), pp. 21-28.

[55] "An Extract of Monsieur *Christian Huygens de Zulichem* his Letter to the Publisher, of the *15th of May 1674*. from Paris, touching his Thoughts of Mr. *Hook*'s Observations for proving the Motion of the Earth, not long since printed by Mr. *Martyn*, and taken Notice of in *Numb. 101*. of these Tracts" e "An Extract of another Letter, written by Seignior *Cassini* to the Publisher, relating to the same Subject, dated *June* 28. 1674. Which we shall insert here in the same Language, 'twas written in". *Philosophical Transactions*, 9 (1674), p. 90.

Giornale de Letterati italiano, de 31 de setembro de 1673".[56] No primeiro parágrafo, Oldenburg refere o leitor a registros desse cometa aparecidos anteriormente nas *Transactions* e, notando que seria de interesse dos "curiosos" ingleses ver o relato do Brasil "English'd out of the *Italian*", oferece-lhes a tradução. Nem Oldenburg nem Huygens, que jamais usaram o italiano em suas volumosas correspondências com centenas de destinatários, devem ter sido os responsáveis pela tradução, mas algum terceiro, empregado pelo editor das *Transactions* em seu negócio.

A forma como Oldenburg encontrou o texto de Stansel no *Giornale* é até decepcionante de tão trivial. Desde 1669, ele e Nazari se correspondiam para promover o intercâmbio de seus materiais, que efetivamente acontecia, como já vimos. Em uma carta ao editor romano de maio de 1673, em latim, Oldenburg lamenta que a "correspondência filosófica" entre ambos tenha ficado interrompida, mas espera que a retomem. Menciona ter enviado alguns fascículos das *Transactions*, e sugere que espera reciprocidade — que, evidentemente, obteve.[57] Não é mais que esse literal comércio erudito que está por trás da publicação das observações da Bahia nas *Philosophical Transactions* e na sua breve menção nos *Principia* de Newton.

Considerações finais

As páginas precedentes mostraram que a história da presença de Valentin Stansel nas *Philosophical Transactions* não pode ser entendida segundo o modelo anacrônico de um autor que submete seu artigo a uma revista científica moderna (o equívoco que levou Casanovas e Keenan a sugerir a história editorial que critiquei). O exame atento dos paratextos permite restituir o papel decisivo dos editores na construção daquilo que viria a ser reconhecido como publicação científica. Mais do que receptores passivos de escritos, Francesco Nazari, Henry Oldenburg e seus pares se apresentaram, e assim foram percebidos, como verdadeiros reguladores de um regime epistêmico — uma economia política — que determinava quais conhecimentos mereciam circular, quão legitimamente podiam sustentar pretensões de verdade, e a quem deveriam ser atribuídos.

Essa constatação abre caminho para algumas consequências mais gerais. Em primeiro lugar, mostra que os periódicos eruditos do século XVII devem ser

[56] "Observations concerning the *Comet* that was seen in *Brasil*, An. 1668. in *March*, by P. *Valentin Estancel* a Jesuit, and by him sent to *Rome*; where they were printed in the 9th Italian *Giornale de Letterati*, Septemb. 31. 1673". *Philosophical Transactions*, 9 (1674), pp. 91-93.

[57] Oldenburg a Nazari, 5 de maio de 1673. In: A. Rupert Hall e Marie Boas Hall (eds.). *The Correspondence of Henry Oldenburg. Volume IX (1672-1673).* Madison: The University of Wisconsin Press, 1973, p. 640. Oldenburg pode ter decidido traduzir o relato de Stansel não apenas pelo interesse geral que seus leitores tinham por relatos de observações de cometas, mas porque ele próprio estava em busca de informações sobre o Brasil, tendo enviado, em 1671, um longo "inquérito" em latim a um inglês residente em Lisboa, Thomas Hill, que tinha um bom contato com um missionário jesuíta na Bahia — ninguém menos que Stansel. Cf. Hill a Oldenburg, 31 de março de 1673. *Idem*, p. 548.

compreendidos como peças constitutivas de uma economia de credibilidade. As escolhas editoriais — a começar pela decisão sobre qual conhecimento merecia ser impresso, mas se estendendo a dar nome ou não a autores, anotar, costurar correspondências, propor inquéritos, julgar se as respostas eram satisfatórias — eram formas de organizar valores como autoridade, prioridade e confiabilidade. A função-editor, assim entendida, não é apenas um detalhe institucional, mas um dispositivo regulador da própria prática científica em sua fase de constituição.

Em segundo lugar, o exercício de "seguir paratextos" revelou-se uma ferramenta heurística particularmente fecunda. Ao identificar referências cruzadas, remissões internas e externas, títulos, notas e epitextos privados, foi possível recompor trajetórias de textos e de pessoas que dificilmente apareceriam se partíssemos apenas de categorias modernas como "artigo" ou "autoria". A paratextualidade, nesse sentido ampliado, é menos um adorno textual do que um mecanismo de situar documentos em redes sociais, políticas e epistemológicas.[58]

Por fim, a reavaliação do caso Stansel convida a relativizar as narrativas nacionais que buscam no passado exemplos isolados de participação "brasileira" na ciência moderna. Não se trata de negar a importância de figuras como Stansel, mas de mostrar que sua inserção só pode ser compreendida à luz de práticas mediadas por editores e por canais institucionais específicos. Em vez de glórias nacionais antecipadas, encontramos uma história de circulação complexa, na qual os impressos funcionam como nós de uma rede global da República das Letras.

O valor maior de uma aproximação paratextual está justamente em deslocar o foco: do autor para o editor, do texto isolado para o tecido de referências, da produção local para a circulação transnacional. Ao fazê-lo, ganhamos uma visão mais precisa das condições sociais em que se consolidaram as primeiras formas de comunicação científica impressa, bem como da maneira pela qual essas formas moldaram as práticas e os valores do conhecimento na Época Moderna.

Referências

"Au Roy". *Journal des Sçavans*, (1666), caderno avulso.

BROWN, Harcourt. "History and the Learned Journal". *Journal of the History of Ideas*, 28 (1972), pp. 365-378.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. "Baroque science between the old and the new world. Father Kircher and his colleague Valentin Stansel (1621-1705)". In: FINDLEN, Paula (ed.). *Athanasius Kircher: The Last Man Who Knew Everything*. Nova York: Routledge, 2004, pp. 311-328.

[58] Cf. Andréa Doré, André de Melo Araújo, Thomás A. S. Haddad, Verônica Calsoni Lima e Luís Filipe Silvério Lima. "Paratextos e paratextualidade", *op. cit.*

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. "Da Bahia às estrelas: As viagens celestes de Valentim Stansel (1621-1705)". In: CAROLINO, Luís Miguel; CAMENIETZKI, Carlos Ziller (eds.). *Jesuítas, ensino e ciência, séc. XVI-XVIII*. Lisboa: Caleidoscópio, 2005, pp. 227-240.
CAMENIETZKI, Carlos Ziller. "O cometa, o pregador e o cientista. Antonio Vieira e Valentin Stansel observam o céu da Bahia no século XVII". *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 14 (1995), pp. 37-52.
CASANOVAS, Juan; KEENAN, Philip C. "The Observations of Comets by Valentine Stansel, a Seventeenth Century Missionary in Brazil". *Archivum Historicum Societatis Iesu*, 62 (1993), pp. 319-333.
DASTON, Lorraine. "The Ideal and Reality of the Republic of Letters in the Enlightenment". *Science in Context*, 4 (1991), pp. 367-386.
DORÉ, Andréa; ARAÚJO, André de Melo; HADDAD, Thomás A. S.; LIMA, Verônica Calsoni; LIMA, Luís Filipe Silvério. "Paratextos e paratextualidade na Época Moderna: limiares, funções e transformações". In: *Anais do Museu Paulista*, 33 (2025), pp. 1-35.
"Extrait du Privilege du Roy". *Journal des Sçavans*, (1666), caderno avulso.
GARDAIR, Jean-Michel. *Le «Giornale de' Letterati» de Rome (1668-1681)*. Florença: Leo S. Olschki, 1984.
GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009.
GROSS, Alan; HARMON, Joseph; REIDY, Michael. *Communicating Science: The Scientific Article from the 17th Century to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
HALL, A. Rupert; HALL, Marie Boas (eds.). *The Correspondence of Henry Oldenburg. Volume II (1663-1665)*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1966.
HALL, A. Rupert; HALL, Marie Boas (eds.). *The Correspondence of Henry Oldenburg. Volume IX (1672-1673)*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1973.
JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
KIRCHER, Athanasius. *Iter cometae anni 1664 a 14 Decembris usque ad 30 Romae observatum.* [*S. l.*: *s. n.*], [1665?].
KRONICK, David. *A History of Scientific and Technical Periodicals: The Origins and Development of the Scientific and Technical Press*. Metuchen: Scarecrow Press, 1962.
"L'Imprimeur au Lecteur". *Journal des Sçavans*, (1665), caderno avulso.
MORAES, Abrahão de (com a colaboração de A. Szulc). "A Astronomia no Brasil". In: AZEVEDO, Fernando de (ed.). *As Ciências no Brasil*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955, v. I, pp. 84-161.
MOXHAM, Noah. "Authors, Editors and Newsmongers: Form and Genre in the *Philosophical Transactions* under Henry Oldenburg". In: RAYMOND, Joad; MOXHAM, Noah (eds.). *News Networks in Early Modern Europe*. Leiden: Brill, 2016, pp. 465-492.
NEWTON, Isaac. *Philosophiae naturalis principia mathematica*. Londres: Joseph Streater, 1687.
ROMANO, Antonella. "À l'ombre de Galilée? Activité scientifique et pratique académique à Rome au XVIIe siècle". In: BOUTUER, Jean; MARIN, Brigitte; ROMANO, Antonella (eds.). *Naples, Rome, Florence. Une histoire comparée des milieux intellectuels italiens (XVII–XVIIIe siècles)*. Roma: Publications de l'École française de Rome, 2013, pp. 209-242.
SARASIN, Philipp. "More Than Just Another Specialty: On the Prospects for the History of Knowledge". *Journal for the History of Knowledge*, 1 (2020), pp. 1-5.
SILVA FILHO, Agenor Manoel da. "O 'homem certo na hora certa': Fernando de Azevedo e as histórias da historiografia das ciências no Brasil (1980-2022)". *Revista Brasileira de História da Ciência*, 18 (2025), pp. 1-23.
STANSEL, Valentin. *Uranophilus Caelestis Peregrinus*. Ghent: herdeiros de Maximiliano Graet, 1685.
VITTU, Jean-Pierre. "La formation d'une institution scientifique: le *Journal des Savants* de 1665 à 1714. Premier article: d'une entreprise privée à une semi-institution". *Journal des Savants*, 2 (2002), pp. 179-203.

Contribuição recebida em: 31 de agosto de 2025.
Aprovada em: 21 de outubro de 2025.